



MARGUERITE DURAS NO BRASIL
(MARGUERITE DURAS IN BRASIL)

Raquel Terezinha Rodrigues FERREIRA (FAM)

ABSTRACT: A study on the reception of Duras from texts published in national journals between 1963 and 1967. The analysis has shown the work that drew readers attention and the influence Duras had on Literature and other kinds of art. Goncourt Prize and the film O Amante made her work popular.

KEYWORDS: Reception; Duras; the readers of Duras

A definição de que a literatura é também um produto social foi dada por Madame de Staël, no século passado. Desde então a crítica passou a se preocupar em avaliar as correspondências entre a obra e a realidade. Sendo assim, a obra passou a ser um sistema simbólico de comunicação inter-humana que implica em um jogo permanente de relações entre o público e o autor. Triáde esta que para Antonio Candido (1976), além de ser indissolúvel, revela que dos três, o público é o que dá sentido à obra, servindo de elo entre ela e o autor.

Logo, a relação estabelecida entre o público e o escritor leva este último a adquirir plena consciência de sua obra através da reação de seu público leitor. Eis porque o escritor é dependente do público, cuja reação é muitas vezes decisiva na orientação da obra ou de seu próprio destino. Deste modo, a literatura só vive à medida em que é vivida, decifrada, aceita ou deformada pelos leitores. Esta receptividade do público, que constitui um diálogo vivo, resulta em uma participação ativa sem a qual não haveria obra literária.

Atualmente a estética da recepção tem se voltado para os aspectos ideológicos que envolvem a recepção social. Estes estudos, desenvolvidos pela Escola de Constança em 1967, priorizam as relações estabelecidas entre o texto e o leitor. Para os teóricos de Constança, o leitor é o responsável pelo preenchimento das lacunas que o texto literário proporciona e também pela concretização da obra literária.

O ponto de partida da Estética da Recepção é a hermenêutica de Hans-Georg Gadamer, cujas formulações e princípios foram adaptados à crítica literária por alguns de seus alunos, dentre eles: Hans-Robert Jauss e Wolfgang Iser. Dos princípios adaptados destaca-se a lógica da pergunta e da resposta, a noção de horizonte de expectativas e a fusão de horizontes.

Para Jauss (1994), tanto o método formalista quanto o marxista ignoravam o leitor em seu papel genuíno que, segundo ele, era o de destinatário a quem a obra literária visa. Partindo desta lacuna existente nos dois métodos e tendo as formulações de Gadamer como base, Jauss formula um novo conceito que leva em consideração tanto o leitor quanto a sua experiência estética. Com isso, o leitor e a recepção que este faz de uma obra são dados que contribuirão para a análise da mesma.

Segundo Jauss, o valor estético decorre da percepção estética que a obra é capaz de suscitar, ou seja, a maneira pela qual a obra vai atender, superar ou decepcionar as expectativas do público que ele chamou de horizonte de expectativas.



Ele examina ainda as relações do texto com a época de seu aparecimento. A reconstituição do horizonte de expectativas não só possibilita uma recuperação do processo de comunicação no momento em que a obra surgiu, como também cria oportunidade para que seja feita a recuperação da história da recepção. A obra é considerada dentro do horizonte em que apareceu. No entanto, o aspecto diacrônico deve ser considerado quando se estuda a historicidade da literatura, pois para que uma obra seja situada na sucessão histórica é mister levar em conta a experiência literária que a propiciou. É o que se chamou de fusão de horizontes.

Wolfgang Iser, outro teórico da Escola de Constança, postula que a intenção de um texto encontra-se na imaginação do leitor, resumindo assim, a idéia de que os textos literários não são construídos de maneira a confirmarem os sentidos que a eles são atribuídos.

Para Iser (1971), a obra literária mais eficiente é a que força o leitor a uma consciência crítica de seus códigos e expectativas habituais. Com qualquer texto podemos apreender não somente o que estamos lendo, mas também sobre nós mesmos, podendo, pois, cada qual interpretar de sua própria maneira, já que as indeterminações de que é composto um texto dependem das interpretações do leitor para se efetivarem.

Baseado na caracterização de leitor, feita por Iser, Yves Chevrel (1990: 21-30) estabelece dois tipos de leitor: o primeiro deles é o intencional, que está dentro da ficção e que não é real, tendo um comportamento induzido pelo texto. O outro tipo de leitor é o real, histórico ou empírico, que é o que efetivamente lê o texto e cujas reações são observáveis, tornando-se assim o tipo que nos interessa. Estabeleceu-se, então, que o crítico literário seria o público leitor, pois através dos seus registros, desempenha o papel de divulgador e formador de opiniões, servindo também como agente nos intercâmbios literários internacionais.

Quando a obra de Marguerite Duras começa a se fazer efetivamente conhecida entre nós, encontra a crítica brasileira em um processo de transformação. Nos anos 80 observou-se uma mudança de rumo nos estudos literários brasileiros. Isto se deu devido ao desenvolvimento dos estudos comparatistas e das traduções, assim como ao ingresso da literatura comparada, juntamente com as teorias literárias, nas universidades. Os novos conceitos introduzidos por estas teorias fizeram com que o comparativismo reformulasse noções antigas e, conseqüentemente, enxergasse com outros olhos as literaturas estrangeiras.

Marguerite Donnadiou nasceu na Indochina Francesa, em 1914, algumas semanas antes de começar a I Guerra Mundial e passou sua infância em um pequeno vilarejo próximo a Saigon. Aos 18 anos decide abandonar a Indochina e conseqüentemente o passado; só voltará ao tema através de sua obra, que é, praticamente autobiográfica e que estabelece com o romance, segundo Leyla Perrone (1966), uma relação mais filosófica do que artística.

Foram cinquenta e três anos de produção intensa, quase um livro por ano. O reconhecimento mundial e o *Goncourt* vêm com o *O Amante*, em 1984, que rendeu uma tiragem de cerca de três milhões de exemplares. Marguerite não conta histórias, capta momentos, fala daquilo que conhece bem: de personagens europeus despatriados, com o desejo de retornar à pátria natal, do amor, da vida e da morte. Para ela, a única coisa que conta é a escrita. Para Duras, “escrever não é sequer uma reflexão, é um tipo de



faculdade que se possui ao lado da personalidade, paralelo a ela”.

Quando faleceu, no dia 3 de março de 1996, aos 81 anos, na França, deixando uma obra imensa de vários romances, peças de teatro, uma dezena de roteiros e vários filmes escritos ou por ela dirigidos, já era uma personalidade internacional e, como tal, bastante conhecida no Brasil.

Embora tenhamos indicadores de que em 1963 e em 1966 algumas pessoas começaram a fazer estudos sobre a obra de Duras, verificamos que a recepção da mesma teve um ritmo diferente daquele que se estabeleceu na França. Inicialmente, o ritmo seguido foi o da publicação das traduções, quando em 1984, o recebimento do Prêmio *Goncourt* veio alterar o quadro recepcional. A publicação de sucessivas traduções dos romances de Duras constitui-se um importante fator de intermediação na recepção da obra pela crítica brasileira. Os artigos que foram publicados tinham como objeto de análise, quando muito, um único romance. Mesmo sendo motivados pela publicação de traduções ou ainda em alguns casos por qualquer outro evento, é inegável a contribuição dada por eles à divulgação da obra. No entanto, se tais análises ou resenhas não são consideradas consistentes teoricamente, funcionando quase como um panfleto publicitário, seria precipitado afirmar que tais publicações jornalísticas são sintomas de uma crise na crítica.

Outro fator importantíssimo que influenciou a recepção de Duras no Brasil foi o recebimento do Prêmio *Goncourt*, um dos mais importantes prêmios literários franceses. A mais idosa a receber o prêmio, Duras obteve, facilmente, a vitória com o livro *O Amante*. Um dos membros do júri, ao comentar o resultado, declarou que era um reparo à obra dela, que vinha sendo relegada há trinta anos.

Contudo, se o caminho percorrido das edições de Minuit, até se tornar um best-seller, foi suficiente para que a sua obra tivesse uma maior popularização em se tratando de França, tal fato não repercutiu da mesma maneira aqui no Brasil. Inegavelmente, ampliou-se a lista de leitores de um modo geral, mas tal fato não serviu para que o seletivo grupo, como afirmam alguns jornalistas, fosse acrescido de um número estrondoso de admiradores.

O ano de 1986 pode ser considerado como um marco em termos de recepção da obra de Duras no Brasil. Os efeitos do *Goncourt* se fazem sentir entre nós e o número de publicações a respeito de Duras e sua obra triplicam em relação aos anos anteriores. Para se ter idéia da mudança que ocorreu com Duras no mercado editorial brasileiro, basta olhar para a lista dos mais vendidos publicada pela Veja em 1986. Marguerite Duras passou a figurar em 8º lugar na lista dos livros de ficção, com *O Amante* e permaneceu entre os mais vendidos por 13 semanas.

Na lista, Duras consta ao lado de nomes como Milan Kundera, Sidney Sheldon, J. Simmel e Irving Wallace, escritores de best-sellers, que, por anos a fio, atraem a atenção do público leitor. Acreditamos que estas listas sirvam de orientadoras de leitura. Este fato revela uma mudança significativa no horizonte de expectativas do público leitor. Deixara Duras de ser a escritora hermética, difícil e enfadonha do novo romance como até então era conhecida?

É possível que tal mudança seja incentivada pela atribuição do prêmio *Goncourt*, pela divulgação que tal evento teve, pela importância que o prêmio tem no cenário literário mundial. É possível ainda que a história envolvente de *O Amante* tenha



quebrado a aura de inacessível que pairava sobre Duras.

Observamos, neste período, que a grande maioria dos artigos foram escritos por jornalistas, inicialmente divulgando o conjunto da obra de Duras e que, depois da escritora ter recebido o prêmio, restringiram-se a resenhar os livros recém traduzidos e a divulgar dados de vendagem dos mesmos salientando o sucesso editorial da autora.

A partir de 1985, Duras ficou mais familiar ao leitor brasileiro, ou seja, o prêmio *Goncourt* dado ao livro *O Amante* e a sua conseqüente transformação em um verdadeiro *best-seller* foi o fator responsável por sua popularidade crescente. Assim, já conhecida e admirada, sempre que sai algum novo trabalho seu, desperta imediato interesse na crítica especializada.

A atenção da crítica acaba por alertar também o leitor menos especializado, pois não há como negar sua influência e a sua função de formadora de opinião. Mas o crítico não só contribui para a formação de opinião dos outros, como também, na condição de leitor, é ele próprio influenciado pelas leituras feitas. Para o autor criticar é, antes de tudo, por em crise, e isto é essencial em toda cultura e em toda época, visto que a arte não tem mais valores eternos nem imutáveis aos quais devemos seguir.

Sendo assim, a crítica tem como missão colocar as obras em relação umas com as outras e descobrir a sua posição dentro deste conjunto, sem esquecer que obras do passado são modificadas pelos olhares das gerações que as sucedem.

O papel que as traduções desempenharam na divulgação da obra de Duras, sem dúvida, foi de vital importância. Contudo, ao contrário do que se possa pensar, ao invés de elas agirem como um grande divisor e incentivador da recepção, este papel veio a ser desempenhado pelo prêmio *Goncourt*, que atraiu a atenção sobre as traduções já feitas, vindo a refletir diretamente na recepção. Tal fato não passou despercebido aos jornalistas que, mesmo comentando em seus artigos as traduções posteriores, não deixaram de ressaltar o papel desempenhado pelo livro *O Amante* e pelo prêmio *Goncourt* como divulgadores da obra de Duras, tornado-se uma espécie de passaporte para uma Duras mais antiga.

Jauss diz que uma obra literária não perde seu poder de ação quando transpõe seu período de surgimento, podendo sua importância crescer ou diminuir no tempo. O novo é tido como uma categoria estética e histórica. Esta mudança não atinge só a noção de novo, mas também a noção de história da literatura, que deixa de significar uma seqüência cronológica de fatos, para se fazer de avanços e de recuos.

Observamos então, ao fazermos uma retrospectiva da recepção de Duras pela crítica, na década de 80, que a grande maioria das traduções se deu nesse período. O primeiro livro a ser traduzido foi *O Vice-cônsul*, que teve uma lacuna temporal de dezessete anos entre a data da sua publicação na França e a data da sua tradução no Brasil.

Depois deste livro, observamos que a diferença entre as publicações na França e aqui no Brasil se reduziram em até no máximo três anos. Com o prêmio *Goncourt*, além dos livros recentes, publicaram-se também os livros que foram escritos na década de 50, 60 e 70. Confirma-se assim, nossa observação de que o prêmio serviu como farol não só para as obras atuais, mas também para as mais antigas, produzindo o efeito cascata.

Os anos 90, em termos recepcionais, podem ser caracterizados pela



confirmação da canonização da escritora e da sua popularização, principalmente após o livro *O Amante* ter sido transformado em filme por Jean-Jacques Annaud. Houve em relação à década anterior uma mudança bem significativa no horizonte de expectativas dos críticos. Os textos jornalísticos têm a preocupação de atingir o público não especializado visando à venda de livros, adaptando-se, assim, ao estilo de vida contemporâneo em que não cabem mais textos densos e inacessíveis aos leigos. É o momento da consagração de Duras no contexto literário brasileiro.

O estudo recepcional realizado nos permitiu coletar informações que contribuem para uma melhor compreensão do contexto literário brasileiro no período estudado e também esboçar um panorama da opinião dos críticos e de suas expectativas de leitura, confirmando as palavras de Osman Lins, para quem uma obra, sem perder a sua originalidade, é também o que sobre ela se escreveu.

RESUMO: Estudo da recepção de Duras, a partir de textos publicados em periódicos nacionais, entre 1963 e 1997. A análise aponta as obras que atraíram a atenção dos leitores, e a influência que Duras exerceu. O *Goncourt* e o filme *O Amante* popularizaram a obra.

PALAVRAS-CHAVE: Recepção; Duras; os leitores de Duras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARROJO, Rosemary. Tradução. In.: JOBIM, José Luiz (org.) *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, p. 411-38, 1992.
- BRUNEL, Pierre, CHEVREL, Yves. *Précis de littérature comparée*. Paris: Presses Universitaires de France, 1989.
- BRUNEL, P., PICHOS, CI, ROUSSEAU, A. M. *Que é literatura comparada?* Trad. de Célia Berrettini. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- CANDIDO, Antonio. O Escritor e o público. In.: *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 5 ed., p. 73-88, 1976.
- _____. O ato crítico. In.: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.
- CARVALHAL, Tânia F. A literatura comparada na confluência dos séculos. In.: CUNHA, Eneida L. *Literatura comparada*. Ensaios. Salvador: EDUFBA, p. 11-8, 1996.
- CHARTIER, Roger. As práticas da escritas. In.: ARIÈS, Philippe & CHARTIER, Roger (org.). *História da vida privada: da renascença ao século das luzes*. Vol. III. Trad Heldegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, p. 114-61, 1992.
- CHEVREL, Yves. Oú sont les études comparatistes de réception? Bilan et perspectives. In.: *Os Estudos Literários: (Entre) Ciência e Hermenêutica. Primeiro Congresso da Associação Portuguesa de Literatura Comparada*. Anais... Lisboa: jan., v. 5, p. 21-30, 1990
- COUTINHO, Afrânio. A crítica modernista. In.: *A literatura no Brasil*. Vol. V, Rio de Janeiro: José Olympio, 3. ed., 1986.
- _____. *Da Crítica e da nova crítica*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1957.



- CUNHA, Eneida L. Tempo de pós-crítica. In.: *Literatura comparada*. Ensaios. Salvador: EDUFBA, p. 27-39, 1995.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura*. Trad. de W. Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In.: LIMA, Luis C. (org.). *A Literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 83-132, 1979.
- ISER, Wolfgang. Indeterminacy and the reader's response in prose fiction. In.: HILLER-MILLER, F. (Ed.). *Aspects of narrative*. New York/London: Columbia University Press, p. 1-45, 1971.
- JAUSS, Hans Robert. *Pour une esthétique de la réception*. Paris: Gallimard, 1978.
- _____. *A História da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- JOSEF, Bela. Crítica e integração: uma história. In.: CUNHA, Eneida L. *Literatura comparada*. Ensaios. Salvador: EDUFBA, p. 49-56, 1996.
- LIMA, Luis C. (org.). *A Literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- LOBO, Luiza. Leitor. In.: JOBIM, José Luiz (org.). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, p. 231-47, 1992.
- NITRINI, Sandra M. *Poéticas em confronto, Nove, novena e o Novo Romance*. São Paulo-Brasília: HUCITEC, 1987.
- OLIVEIRA, Maria Marta L. P. *A Recepção crítica da obra de Marcel Proust no Brasil*. UFRGS, tese de doutorado, 1993.
- PAES, José Paulo. *Tradução a ponte necessária: aspectos e problemas da arte de traduzir*. São Paulo: Ática, 1990.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. O Novo romance francês In.: *O Novo romance francês*. São Paulo (Coleção Buri): Editora São Paulo S.A., p. 15-32, 1966.
- _____. *Falência da crítica*. São Paulo: Perspectiva S.A., 1973.
- RONÁI, Paulo. *A tradução vivida*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- SANTIAGO, Silviano. A crítica literária no jornal. In.: *Nuevo texto crítico*. Vol. VII, nº 14-15, julho 1994 a junho, p. 61-8, 1995.
- _____. Caleidoscópio de questões. In.: *Sete ensaios sobre o modernismo*. Rio de Janeiro, p. 25-8, 1993.
- STIERLE, Karlheinz. Que significa a recepção dos textos ficcionais. In.: LIMA, Luis C. (org.) *A Literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- SÜSSEKIND, Flora. Rodapés, tratados e ensaios. A formação da crítica brasileira moderna. In.: *Papéis colados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, p. 13-33, 1993.
- ZILBERMAN, Regina & LAJOLO, Marisa. *A literatura rarefeita: livro e literatura no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1991.